

***A BALADA
DO MEDO***

NORBERTO MORAIS

TORDESILHAS

Rio de Janeiro, 2023

Amostra

I

Cornélio Santos Dias de Pentecostes, caixeiro-viajante de profissão, entrou no Topázio com o ar satisfeito das tardes de amor clandestino. Pediu uma limonada ao balcão e foi sentar-se em uma mesa com vista para a praça. A tarde esfriara e dos cumes nevados da Cordilheira dos Grábios soprava a brisa fresca que nos meses primaveris amainava o clima avesso de Santa Cruz dos Mártires. Estava consolado, o caixeiro-viajante, podia se ver nos olhos acabados de amar, e, se não fosse uma insistente dor no dente, que desde a véspera o aporrinhava, poderia dizer-se o mais ditoso dos homens. Chegara no trem do meio-dia, que só naquele instante, cinco e meia da tarde, dava sinal de partida, mas só agora subira à cidade. Visitara Lídia de Jesus, a bela mestiça a quem um misterioso abastado montara uma casa afastada da povoação, onde vivia sozinha a maior parte do tempo, e só parara no Topázio por uma segura que lhe dera, antes de se fazer a casa para beijar a mulher e os quatro filhos que em três barrigadas lhe fizera e havia cinco meses e meio não via. A profissão desculpava-lhe as prolongadas ausências, e estas justificavam-lhe o vício contra o qual sabia inglórias todas as lutas. Era com elaborado engenho que mantinha uma vida múltipla, conjugando afetos em todas as províncias do Norte, onde tinha mulheres aguardando-lhe o regresso. A solidão e a lonjura entre as cidades amparavam-lhe os pretextos. Não no caso de Lídia de Jesus... Lembrou-se das palavras sábias do velho Sérgio de Niã Côco, que sempre o advertira:

— *Se não queres problemas com mulheres, começa por nunca ter duas na mesma terra.*

Sabia-o. Procurara sempre ter esse cuidado. Mas a fraqueza da carne é tanta que um homem, por vezes, até desafia a morte por dez minutos

de felicidade. E pensando no sujeito que lhe montara casa e a sustentava, comentou para consigo:

— E o Cornélio sou eu! — num sorriso fungado que lhe saiu feito brisa do peito feliz.

A limonada chegou ligeira, glacial, assistida por umas sementes salgadas. Era um homem afortunado, Cornélio de Pentecostes. E a tal ponto de bem com a vida e consigo mesmo, que não reparara sequer nas portas e janelas fechadas por toda a cidade, na praga de moscas zumbindo por onde havia espaço, nem na pestilência que enchia o ar de Santa Cruz dos Mártires. A brisa dos Grábios e a felicidade que trazia no corpo, por estar de volta e amado, faziam-no sentir o cheiro doce das amendoeiras da Palestina que cobriam a praça de flores. O cheiro das amendoeiras tardias trazia-lhe sempre a lembrança de Rosa Cabrera. Mas Rosa Cabrera era uma outra história.

Como era bela a vida! — pensava, levando uma semente aos dentes. De um trago apagou metade da limonada. Prazer breve, que logo uma guinada o acordou para a mortalidade. Maldito dente! Bebeu o resto, para o outro lado, mais devagar, menos prazeroso. A dor acalmara, a sede acalmara, e o céu, todo ele, era de um anil tão profundo como se o oceano estivesse ali. O que mais ele poderia pedir a Deus? — sorria, quando um véu de sombra lhe esbateu a luz dos olhos.

— Senhor Cornélio de Pentecostes?

— Sim!?

— Chamo-me Tordesílio Mata Mãe.

O nome não lhe dizia nada, mas fez sinal ao homem para se sentar.

— Não carece. Serei breve. Fui contratado para o matar.

Cornélio estremeceu.

— Quê?

— Fui pago para lhe despachar a alma — reformulou a figura de negro vestida, barba cerrada, chapéu e botas de montador.

— Mas... Quem é que o mandou?

— Alguém contra quem só o poder de Deus se pode levantar!

O caixeiro-viajante sentiu um risco de suor se formar em sua testa. E porque uma alma aparvalhada exclama aparvalhadas coisas, perguntou:

— E vai me matar agora?

— Dependerá de você.

As palavras do matador provocaram-lhe um breve alívio.

— De mim?!

— Conforme corra o trato!

— O trato?! — ia repetindo Cornélio, incapaz de pensar. A dor no dente irradiara a face toda.

— Quero acertar contigo alguns detalhes.

O caixeiro-viajante limpou a testa, respirou fundo.

— Quer dizer que pode não me matar?

— Pelo menos não para já!

Os olhos de Cornélio arregalaram-se na direção da sombra.

— Deram-me um mês para cumprir o serviço. Mas dei contigo ao fim de dez dias! Pretendo saber: quanto está disposto a pagar pelo tempo que lhe resta?

Cornélio estava incrédulo. Por baixo da mesa beliscou a perna. Mal sentiu o trilhar. As palavras colavam-se à garganta seca.

— Diga-me: quanto está disposto a pagar para lhe prolongar a vida por mais três semanas?

— Quer vender-me dias que me pertencem, é isso?

— Não. Quero vender-lhe dias que pertencem a mim — esclareceu o sicário, afastando o casaco que ocultava o cabo enorme de um revólver. — Por isso, pergunto-lhe, pela última vez: quanto está disposto a largar para andar por aqui mais uns dias?

— Mas eu não tenho nada! — tornou o caixeiro-viajante, em jeito de súplica.

— Alguma coisa há de ter. Mas se acha que a sua vida não vale tudo quanto tem... Afinal, de que lhe serve guardar coisas se não vai poder fazer uso delas?

Cornélio sentiu o Inverno nos ossos.

— Escute, senhor Mata Mãe, eu sou um homem honrado, deve haver algum engano.

— Nenhum engano, senhor Pentecostes. Até os homens honrados têm uma razão e uma hora para morrer.

— Sou um homem casado, pai de quatro filhos — titubeou Cornélio, na desculpa irrefletida dos que parecem entender serem mais dignos de morte os desfamiliados do mundo.

— Isso não são contas do meu rosário. Quem aqui fica sempre se arranja.

O interior do caixeiro-viajante era um bote chapado pelas ondas. Só poderia ser uma brincadeira. Talvez um susto. Era isso, um susto! Alguém que lhe queria meter medo. Não podia ser verdade. Não podia! Sentia-se como se o doutor Carringuês lhe houvesse anunciado uma doença terminal para a qual a ciência não desencantara ainda cura.

— E tenho de lhe responder quando? — atreveu-se.

— Agora.

Cornélio não sabia o que dizer. E, de todas as imbecilidades que lhe podiam sair, atirou:

— Eu posso denunciá-lo ao sargento!

— Essa ameaça acabou de lhe encurtar a vida para metade, senhor Pentecostes.

— Quê?

— Não sou homem de ceder a chantagens. E gosto pouco de ameaças. Se continua a cantar grosso para o meu lado, garanto-lhe que não volta a erguer os fundilhos dessa cadeira. O senhor faça aquilo que bem entender, mas de uma coisa pode estar certo, quanto mais almas derem fé deste assunto, mais se encurtarão os seus dias.

Cornélio tinha no rosto a palidez dos finados. A língua endurecera e o amargor do limão se espalhara ao corpo todo.

— Mas como não sou homem de perder dinheiro, não aceito por cada dia que lhe poupo, menos de cem mil *cádos*¹.

Os olhos de Cornélio tremiam, rasos de medo e de incredulidade.

— Mas eu não tenho esse dinheiro!

— Bem, nesse caso... — insinuou o assassino, levando a mão ao cabo do revólver.

— Não! Espere! Quero dizer, não lhe consigo dar esse dinheiro de um dia para o outro. Preciso de tempo.

— Amanhã, quando os sinos estiverem a dobrar as seis da tarde, deverá deixar na igreja, atrás da pia batismal, um envelope fechado com cem mil *cádos*. E assim até ao último dia. O resto deixa por minha conta.

Cornélio emudecera. A cabeça toda era um dente dorido. Enjoava; o estômago feito uma moela subia-lhe à garganta. Não era possível o que

1 Unidade monetária do país.

estava a lhe acontecer! Não havia dez minutos era o homem mais feliz na face da terra e agora estava a contar as horas de vida pelo bater do coração. De certa forma sentia já estar morto. Pelo menos de medo. Não tinha outro remédio. Acenou que sim com a cabeça. E como quem tenta negociar com uma mão cheia de duques, perguntou:

— E a minha família?

— Não mato mulheres nem crianças. Além de que o meu negócio é contigo — disse o matador, acendendo um cigarro, acrescentando: — Não se aflija. Se fizer tudo como lhe digo, vai ver que morrer não custa nada.

— Como é que você sabe?

— Porque já matei muita gente.

Cornélio engoliu em seco. Quis ainda dizer algo, rogar, pedir ajuda... Ficou-se pela inércia que paralisa os bichos nos momentos de terror.

— Aviso-o apenas de mais uma coisa. Não pense sequer em fugir. Tenho um faro apurado. Iria atrás de ti feito uma matilha de cães. E quando o achasse, haveria de rezar para o ter matado neste preciso instante. Quem lhe encomendou a alma tem poder de o mandar matar mil vezes, onde quer que se esconda. De modo que, aconteça o que acontecer, daqui a uma semana e meia será um homem morto. E agora passe bem e aproveite, que a vida são dez dias! — sorriu Tordesílio Mata Mãe, levando a mão ao chapéu em jeito de cortesia.

Cornélio ficou sentado, sem reação, vendo o assassino se afastar, todo de negro, enorme, para as bandas da Alcaidaria. Na rua, pouca gente; no horizonte, pouca luz, e, no peito, um medonho desamparo de fé. Um cheiro a morte, a podre sobrepunha-se agora às amendoeiras em flor. O véu de sombra que o matador trouxera consigo envolvia tudo, e a tarde, que nascera bela, desfigurara-se de repente.

II

Havia cinco meses, duas semanas e quatro dias que não se finava uma alma em Santa Cruz dos Mártires. As opiniões se dividiam quanto ao fenômeno: umas acreditavam que se tratava da mão do Divino, outras, da do Seu rival. Num ponto apenas concordavam todas, prendia-se com a grande obra do padre Pôncio Leona. Rondava uma década que o cura de Santa Cruz dos Mártires se batia por um cemitério para a cidade, alegando que a constante escavação do solo da igreja e todo o terreno circundante estava, havia muito, a pôr o templo em risco. A própria parede da torre começara já a rachar e, quem a olhasse da frente do coreto, ao badalar das nove, constataria esta já não cobrir o sol na perpendicularidade de outros tempos. Ranulfo Pessequinho, jornalista e figurante no Teatro das Artes, afirmara existir em Itália uma torre cuja mão de Deus amparava havia mais de oito séculos. Mas, ao contrário da população, o padre Pôncio Leona, que não cria em todos os milagres, não se contentou com a história. Não por Ranulfo Pessequinho ser uma figura menor da sociedade ou por seu preconceito ser grande, Deus o perdoasse, mas por saber que a crença do povo não se agarra a verdades, mas ao que mais lhe convém.

Cada vez que alguém morria, era obrigado a levantar as ossadas dos familiares anteriores, aprofundar a cova e ressepultá-los um a um. Descontando o trabalho, que para a alma de um crente não se medem esforços, a humilhação de pôr a nu corpos em estado indigno, a par com a pestilência que durante dias se entranhava em tudo quanto era fresta e talisca, não justificava a superstição dos homens. E nem o desaguisado que, seis anos passados sobre o início das pendências, levantou-se entre os Bayas e Molinos — seus rivais — (em tempos uma família só, sepultada lado a lado), quando, aberta a cova larga para enterrar D. Justino Baya, do

céu deu em cair água, por três dias e três noites, deixando mais de vinte ilustres cadáveres de ambas as famílias ao sol e à lama do quarto dia. As joias com que haviam sido sepultados, e os restos dos corpos que a bicharada não retalhara ainda, eram quanto indicava a quem pertencia cada corpo exposto. Mas porque nisto de brilhos que o sol avulta nunca os homens tiveram prudência, depressa se ergueram punhos e bengalas, pás e salvas de chumbo, que até das redondezas chegaram paladinos de ambas as partes para defender honras e tomar partidos. Uma guerra civil que durou onze dias e onze noites e só terminou quando Amândia Baya, a mais bela das mulheres nascidas algum dia em Santa Cruz dos Mártires, gritou

— Chega! Paz!

e disparou sobre si própria para pôr fim àquela loucura. O tiro que lhe encheu o coração de chumbo ecoou nos ares por mais de uma hora, na qual nem canto de pássaro nem gemido de gente se ouviu. Sequer de Dona Josefa Baya, recém-viúva e ceifada agora da única filha que lhe restava, ou dos trezentos pretendentes vindos dos quatro cantos da Província para ver a herdeira mais nova do falecido, saltaram um ai por essa cava reticência de tempo. No coração do padre Pôncio Leona uma certeza apenas, ninguém sairia vivo daquela cidade até o sol se pôr. Enganou-se. Como tantas vezes na sua vida. Antes mesmo do astro beijar o horizonte distante das copas altas que margeavam o rio Cay, já não havia almas na rua além de Pascuel e Painço, os dois loucos da cidade que viviam juntos e dormiam bêbados e abraçados onde a noite os agarrava.

Descontados os feridos, que mais estropiados ou menos estropiados seguiriam com suas vidas direitas, Santa Cruz dos Mártires amanheceu no dia seguinte em silêncio e com uma trintena e meia de cadáveres para sepultar. Pôncio Leona chorava diante das covas, entre as palavras que lhe pertenciam, não dando dois passos sem ser amparado, tal o estado de nervos em que ficou. Assim andou entre domingo e quarta-feira, sem levar aos lábios senão a cruz de pau que carregava ao peito, até todos se acharem sagradamente recolhidos no seio do barro criador. Quando por fim o deixaram, enlameado e seco feito um cão de rua, sobre o catre onde havia vinte e sete anos dormia, toda a gente lhe rezou pela alma, pois já só um milagre dos Céus o salvaria. Levou uma semana convalescendo entre delírios e febre e duas para sair da cama com uma certeza em mente: mesmo que fosse a sua última ação sobre a terra, haveria de se construir em Santa Cruz dos Mártires um tal cemitério que cada habitante poderia morrer e nascer cem vezes, que ainda assim não lhe faltaria chão onde enterrar

quanto osso Deus lhe desse. Endureceu a luta, Pôncio Leona, que todos os dias se benzia ao olhar o frontispício cambado da igreja, sermoneando, no fim de cada cerimônia:

— E rezai também para que a casa de Deus não sepulte a todos nós de uma vez e para sempre.

Os fiéis, que à parte esse ponto, estimavam o cura, não arredavam um palmo a sua opinião. Nem quando este mandou vir um engenheiro da capital para avaliar a situação do templo. Conclusão: vinte escoras de cada lado foi quanto levou a sagrada casa do Senhor para se manter de pé até obras profundas que, nas palavras do engenheiro, carecia com a urgência de um padecente. Tudo caía nos ouvidos surdos da população. Vendo-se sem alternativas, Pôncio Leona resolveu desafiar o Patrão. Se Deus não ajuda, quem sabe o Diabo! Conhecedor dos podres mais infectos das suas ovelhas, decidiu apoiar para Alcaide, Arménio Batágua. Homem de negócios ilícitos, dono de uma fortuna avultada, Arménio Batágua ganhava dinheiro com tudo quanto mexia. E eram tantos os homens tidos a seu mando para fazer silêncio em torno do seu nome que jamais Pôncio Leona lhe haveria de conhecer as faltas se ele próprio não as entregasse à misericórdia do perdão com a regularidade de uma beata confessa. Não foi fácil convencê-lo. De poucas palavras, mal sabendo firmar o nome, Arménio Batágua não se achou seduzido pela ideia de passar os dias atrás de uma secretária a despachar papelada. Pôncio Leona teve de lhe falar ao orgulho e à vaidade: seria a figura de proa da cidade, com perspectivas de ascender um dia a Governador da Província; o homem que todos teriam de respeitar, até aqueles que apenas o temiam. Era aquele o seu ponto fraco. A sugestão pareceu tentá-lo, mas ainda assim gostava mais da vida que levava. Foi então que Pôncio Leona lhe falou em Eloisa Molino, uma jovem desabrochante de dezessete anos, cuja beleza começara já a fazer furor e cujo pai estava mais próximo da ruína do que Jó. Fora o argumento que faltava.

As eleições municipais — as únicas permitidas pelo regime — seriam daí a dois anos. Tempo bastante para orquestrar tudo sem lapsos nem erros. Até lá, era rezar para que a casa de Deus não viesse abaixo com tantas mexidas no chão. De bom grado Arménio Batágua se ofereceu para custear as obras da matriz, mas Pôncio Leona recusou. Afinal, estando a igreja a salvo das mexidas na terra, que argumento teria ele para convencer os fiéis a aceitarem a construção de um cemitério? Até à inauguração do campo-santo ficaria confiada a Deus e às quarenta

escoras que o engenheiro da capital lhe designara. Preocupasse-se ele em vencer as eleições, que do resto se encarregaria a Providência. Arménio Batágua se desdobrava em promessas sem jamais pronunciar a palavra cemitério. Aos da terra, prometia este mundo e o outro; aos de fora, terras para quem quisesse ir viver para Santa Cruz dos Mártires. Não tardou a chegar gente. Nova, quase toda, que os velhos, feito cepos grossos, não havia quem os desenraizasse do lugar onde nasceram. Ainda mais para virem a ser cobertos por torrões de terra alheia. Arménio Batágua estava determinado a vencer a eleição, nem que para tal tivesse de comprar os votos, um por um. Arcava com todo o trabalho de fachada, mas o trabalho de fundo, esse, era suado pelas artes de Pôncio Leona. Arménio Batágua cumpriu a sua parte. Pôncio Leona também. Um ano depois, Eloisa Molino entrava na matriz de branco para casar e ser infeliz, e, passados onze meses, já de esperanças pronunciadas, subia ao palanque, montado na praça, para receber a ovação do povo ao lado do marido, o novo Alcaide de Santa Cruz dos Mártires.

No dia seguinte às eleições, chegaram madeireiros e bestas, e dez hectares de floresta foram arrasados, terraplanados e murados para dar lugar ao maior e mais desolado cemitério do país. Tudo a expensas do novo Alcaide, que, contrariando todos os políticos, cumpria a promessa que o povo jamais o ouvira fazer. O único pedido de Arménio Batágua ao padre Pôncio Leona fora que, a ser ele o primeiro defunto, findas as obras cimiteriais, este o sepultasse no terreno da igreja, junto com a sua rica mãezinha que o trouxera ao mundo e sozinha o criara.

— Pelo amor que tenho a Cristo, senhor Alcaide! — jurou-lhe Pôncio Leona.

Outro Alcaide haveria de levantar a cidade em peso contra a obra, mas a Arménio Batágua ninguém fazia peito. O cemitério ficou pronto. Agora só faltava morrer gente. E, porque mais do que o medo da morte, é o seu para lá que assusta os homens, os habitantes de Santa Cruz dos Mártires deixaram de morrer, que outra forma de afirmação não acharam seus espíritos assustados. O protesto do povo era grande, mas quase sempre dentro de portas. Ao cabo do primeiro mês, Pôncio Leona questionou Deus pelo fato de ainda ninguém ter morrido, e chegou a pensar terem as famílias começado a enterrar os corpos dos familiares em suas próprias casas, para eles, solo mais sagrado que o árido retiro do novo cemitério. Durante quatro dias correu todas as casas da cidade onde sabia haver gente acamada ou da qual havia muito não ouvia falar. Nada. Ninguém morreria.

Ao fim do segundo mês, a estranheza era geral, e depressa deixou de se falar de outra coisa em Santa Cruz dos Mártires. Os padecentes pediam para morrer; os familiares, para que o padre os aceitasse nos terrenos da igreja, e este a Deus por misericórdia, rogando, entre preces, que levasse à sua presença um padecente qualquer, um ímpio, de preferência, para acalmar o povo e dar exemplo. Mas do alto não vinha resposta outra além da comezinha e silenciosa passagem dos dias. Ao terceiro mês já a situação se havia tornado insustentável. Duas vezes por dia se enchia a igreja de gente a clamar a Deus por Clemência e ao senhor padre por bom senso. Nasceu o hábito, ou a superstição, de se despedirem entre si com a frase:

— *Que o dia amanheça com um defunto que não lhe pertença nem a mim.*

Epílogo Cegonha, o coveiro; Agostinho Salsa, da funerária; Xamiço Cavém, retratista afamado das últimas horas; o quarteto de sopro de Benjamin Candela, que cobravam bem para tocar em funerais e velórios, e dona Marcela Caravilha, a mais desvelada das carpideiras, desesperavam com a gazeta da morte.

Entrado o quarto mês, o Alcaide conseguiu um decreto do Governador da Província, assinado e selado, estabelecendo que, dessa data em diante, todo o munícipe de Santa Cruz dos Mártires haveria de ser sepultado no Cemitério Municipal, por *disposição legislativa, executiva e judicial*. O próprio Pôncio Leona conseguira trazer o bispo da diocese de Terrabuena para sacralizar o novo chão santo. Tudo quanto havia a fazer foi feito. Mas em Santa Cruz dos Mártires se continuava a não morrer. E como uma situação má nunca o está tão ruim que não possa piorar, a fama da terra se espalhou pelo país inteiro. Deus obrara milagre em Santa Cruz dos Mártires! Ali, houvesse o que houvesse, ninguém morria. Depressa, doentes de todos os lados começaram a chegar com esperança de cura. Mas se uns se atraíam pela ilusão de eternidade, outros fugiam dela o mais rápido que podiam, pois se o Inferno é mau, o Purgatório não lhe fica a dever. Que o dissesse Tércio Nazareno, que sete tiros levara no corpo sem nenhum o matar.

— Estão todas alojadas, as balas. Não acertaram em nenhum órgão vital — declarara o doutor Carringuês, atônito com o prodígio.

— Milagre! — gritava-se.

— Lotaria — afiançava o médico. — Se não infeccionarem, poderá viver assim até que melhor atirador o despache.

Mas as dores de Tércio Nazareno eram tantas, que a família se viu obrigada a construir um casebre na mata para que ninguém perdesse o juízo com os gritos que dava e o matasse de vez por misericórdia ou desespero. A aflição dos padecentes aumentava de dia para dia. A tal ponto que o Alcaide Batágua, a pedido do doutor Carringuês, enviou um telegrama para o Ministério da Saúde a solicitar, com a máxima urgência, mil ampolas de morfina, de modo a aliviar as aflições dos agonizantes e os ouvidos de toda a gente.

Em toda a nação se discutia o caso. Uma equipe de cientistas foi enviada para Santa Cruz dos Mártires para estudar o fenômeno. Moribundos eram expostos aos mais variados exames, sem que uma conclusão soasse unânime entre os peritos. Também entre os habitantes as opiniões divergiam. Se uns eram pela bênção de Deus, outros Lhe eram pela maldição, pois só um povo abandonado por seu criador poderia penar para sempre sobre a terra. Enquanto o povo se valia deste último argumento para dizer ao padre que Deus se recusava a recolher na Sua misericórdia gente que não fosse sepultada em chão sagrado, Pôncio Leona esgrimia que o que Deus não queria à Sua beira era gente arrogante a ponto de achar haver partes do chão de Deus sagradas e outras não. E que talvez não passasse de uma prova do Altíssimo, fazendo agonizar os orgulhosos de tal modo e por tanto tempo, que eles mesmos haveriam de implorar ser sepultados até no vale dos demônios.

O professor Mata-Juan, crítico íntimo das religiões em geral e do padre Pôncio Leona em particular, dizia haver este de ser o primeiro a se sepultar naquele lameiro, como lhe chamava, e bem fundo, rodeado de muros altos e com dois portões de ferro a proteger a cidade de si. Pôncio Leona, por sua vez, respondia que talvez Deus ouvisse as preces que todas as noites Lhe deitava e abençoasse Santa Cruz dos Mártires com a expiração dos ímpios e ateus. Andava de cabeça perdida, o cura da cidade. As missas eram tensas, a comunhão, pesada, e os pecados de confissão haviam deixado de ser ações concretas para passarem a pensamentos maculados, muitas vezes sobre Deus e aquele Seu servo atormentado. As velas enchiam a igreja, as promessas se multiplicavam, bem como os pedidos de extrema-unção. Por todo o lado se ouvia gritos a Deus por misericórdia

— *Que me leve, que não aguento mais!*

Havia histórias de mulheres que estavam uma semana para dar à luz porque as crianças, enroladas no cordão, não desciam, não morriam

nem matavam as mães. E se dizia se ouvir pelas sombras, vozes conspirando contra a vida do pároco. A tudo isso resistia Pôncio Leona com a resiliência dos mártires, em nome daquilo que considerava um bem maior.

— Se o senhor padre quiser, e me perdoar do pecado, a Alcaidaria poderá providenciar um defunto — atirou Arménio Batágua, ajoelhado no confessionário. — Afinal, há tanta história de mortes encomendadas, acidentes bizarros...

Pôncio Leona se ruborizou, indignou-se, mandou-o rezar duas arrobadas de padre-nossos e outras tantas de ave-marias, o expulsou da igreja como a um herege, mas passou a noite em claro às voltas sobre o assunto. Desde o fim da Guerra Civil, ia numa dúzia de anos, que hordas de bandoleiros a soldo batiam o país a cumprir vinganças ou fazer justiça onde esta falhava. A mão dura do Presidente Salvador Lemos, que se lhes referia como “os últimos vermes”, resultava impotente diante de tanto sicário, forjados, muitos deles, nas fileiras revolucionárias que, findos a guerra e o contrabando, o regime não fora capaz de dizimar ou absorver. Não havia, dizia-se, em todo o território de São Gabriel dos Trópicos, uma só alma que estivesse deles a salvo. Quantas não entregara ele ao Altíssimo por conta de ninharias: de novos; de velhos; de mulheres, até, varados de chumbo?! Mas não queria pensar nisso. Todas as noites pedia a Deus que tivesse piedade do seu rebanho e o livrasse a si de tais pensamentos.

Ao quinto mês chegaram a pestilência e as moscas. O ar fétido emanado dos corpos que se decompunham em vida obrigava a cidade inteira a viver de janelas e portas fechadas. As ruas perderam o movimento, a tal ponto que, entre as dez da manhã e as seis da tarde, podiam se contar pelos dedos as almas que as cruzavam. Gente não parava de abandonar a cidade, e até os chegados meses antes, na esperança de chão ou de milagres, regressavam agora à procedência. Por fim, ao cabo do quinto mês, já pouco se falava do assunto. Quem havia ficado se resignara à situação, que a tudo uma pessoa se habitua, até à miragem da imortalidade. Porém, se o povo de Santa Cruz dos Mártires, padecentes e familiares, parecia disposto a aceitar a vontade de Deus, qualquer que ela fosse, o padre Pôncio Leona se revelava cada dia mais agastado. Não passava agora uma noite sem se indispor com o Altíssimo e contra a Sua provocação, e não caía no sono sem que as palavras de Arménio Batágua o fizessem dar voltas sobre a carpela moída do colchão.

— *Se o senhor padre quiser, e me perdoar do pecado, a Alcaidaria poderá providenciar um defunto. Afinal, há tanta história de mortes encomendadas, acidentes bizarros...*

Era nesse ponto que as coisas estavam quando Cornélio Santos Dias de Pentecostes desembarcou em Santa Cruz dos Mártires, cinco meses e meio depois de ter partido pela última vez.

Amostra